

LIVIA GARCIA-ROZA

# Amor em dois tempos



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Livia Garcia-Roza

A autora agradece ao amigo e ensaísta Sylvio Lago as sugestões referentes às passagens musicais.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Rita da Costa Aguiar

*Foto de capa*

SuperStock/ Latinstock

*Preparação*

Ciça Caropreso

Márcia Copola

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Thaís Totino Richter

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Garcia-Roza, Livia

Amor em dois tempos / Livia Garcia-Roza. — 1ª ed. —  
São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2486-2

1. Ficção brasileira I. Título.

---

14 - 08770

CDD - 869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira

869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## 1.

Sou uma senhora, não propriamente idosa, mas uma senhora. Moro em uma casa confortável de altos e baixos no bairro dos Jardins, em São Paulo, e vivo com relativa tranquilidade — digo “relativa” porque sou mãe —, tanto quanto se pode viver nos dias atuais, quando súbito a vida me revelou sua face, real. De um momento para outro, deu-se o desenlace de meu marido. Nada indicava que isso fosse acontecer. Apesar dos seus quase oitenta anos, Conrado sempre teve boa saúde e hábitos saudáveis.

Ao vê-lo morto, sobreveio a angústia. Não amadurecemos para nenhuma perda. Não fosse meu filho ter vindo em meu socorro, não sei como reagiria, mas Carlos Ozório sabe lidar com situações difíceis. Assim que dei a notícia, ele voltou ao Brasil.

Quando chegou, nos abraçamos e, me acarinhando a cabeça, meu filho me tranquilizou. Em seguida perguntou onde estava o pai. Respondi, e ele foi vê-lo. Deixei os dois a sós. Pouco depois ele voltou, me beijou e foi tomar as providências para a remoção do corpo de Conrado. Que dias aqueles! Que dias...

Como se intuísse seu fim próximo, Conrado havia me encarregado de uma missão, trabalhosa: levar suas cinzas para Salvador, na Bahia, quando ele morresse. Seu único e reiterado pedido. A par da vontade do pai, meu filho disse que cuidaria de toda a burocracia, deixando-me destinada a parte final. Eu teria que me deslocar de avião até a Bahia, o que não era pouco para mim. Embarcaríamos, Hilda e eu, tão logo a papelada estivesse pronta e as cinzas me fossem entregues. Logo após a cremação, eu já me encontrava de posse do documento que me autorizaria a levá-las, caso o exigissem no momento do embarque. Agíamos como autômatos, meu filho e eu. Carlos Ozório me comunicou que em alguns dias eu já poderia começar os preparativos da viagem; ele tomaria as providências necessárias, reservando hotel e garantindo que as passagens me fossem entregues em casa.

“Está tudo bem, mamãe”, disse, tentando me apaziguar, talvez com medo de me perder também.

Hilda, amiga de longos anos que se dispusera a me acompanhar à Bahia, foi de uma solidariedade sem limites. Uma verdadeira sentinela amorosa. Contando então com o apoio incondicional desse pilar, assim como com o de meu filho, enfrentei o período mais turbulento de minha vida. A perda de meu marido. Que se foi como viveu: discretamente. Assistíamos ao noticiário da televisão, quando sua cabeça tombou de lado. Pensei que houvesse cochilado, pois seus cochilos haviam se tornado um hábito já fazia alguns anos; apoiava o queixo na mão e dormia a sono solto. Continuei assistindo ao jornal em silêncio, sentindo dentro de mim os sobressaltos de sempre. Viver em uma cidade como São Paulo exaure qualquer um.

Desse momento em diante, as recordações são esparsas. De uma hora para outra, me vi rodeada por desconhecidos, entre

eles um médico que me fazia perguntas para as quais eu não tinha resposta. Eu pairava em torno daquele acontecimento. Uma das moças que trabalhavam em nossa casa, percebendo meu estado, veio em meu socorro. Nesse momento de desespero contido, vi que Hilda, em soluços, se aproximava para me abraçar. Invariavelmente saio doída de seus abraços. Em seguida, acomodou-se em uma das poltronas sem nada dizer. E não saiu mais de nossa casa. Não me recordo do que tantos disseram, talvez nem tenham dito tantas coisas assim, mas eu me agarrava a cada palavra ouvida.

Desse dia em diante despenquei para dentro. Lá, Conrado vivia.

Casei-me com dezoito anos e depois de apenas três meses de namoro. A época era outra, casamento e filhos consistiam no ideal de toda moça, e eu não fugi à regra. Conheci Conrado em uma festa de debutantes, muito em voga naquele tempo; fiquei encantada em despertar o interesse de um rapaz mais velho e bonito como ele. Parecia um artista de cinema. No dia seguinte, Conrado foi à minha casa pedir-me em namoro. O máximo que meus pais consentiram foi que namorássemos em casa. Lembro de uma noite em que dançamos sozinhos na sala todas as músicas de um long-play do Ray Charles. Nossos dias de namoro foram rápidos e intensos, recordo-me muito pouco deles; logo nos vimos às voltas com os preparativos do casamento.

Eu sonhava com a lua de mel. De início, meus pais resistiram à ideia de eu me casar, ponderando que ainda era jovem e imatura para dar um passo tão decisivo. Mas Conrado tratou de seduzi-los, e eles eram facilmente seduzíveis. Não demorou, mamãe mostrava-se encantada com o futuro genro e papai não se cansava de elogiá-lo para todos, dizendo que Conrado era um

rapaz correto, trabalhador, digno e de boa índole. Sua filha faria um excelente casamento. Daria minha mão de bom grado. Conrado agradou aos dois. Como marido agradaria a mim também?

Nos primeiros dias de casamento, vivemos uma felicidade quase infantil na casinha que Conrado alugara para nós no litoral paulista. Jogos, brincadeiras, e risadas, muitas risadas. (Quem seria o Conrado daqueles dias? Ou em quem se transformaria depois?) Passada a lua de mel, acreditei que nossa alegria fosse durar para sempre, mas à medida que os dias transcorreram ela foi nos deixando e meu marido silenciou. Seria ele um agente secreto? Ou quem sabe encarnava algum personagem infantil? Meninos gostam dessa brincadeira e meninas também. Tive uma amiga que acreditava ser a Alice de *Alice no País das Maravilhas*. Eu também tinha sido uma bailarina famosa. Vivia com um lenço comprido em volta do pescoço, dançando na varanda de casa, até minha avó me contar que essa bailarina se enforcara com a própria echarpe. Fim da vida de bailarina.

Um dia tomei coragem e contei a Conrado que eu achava que ele tinha alguma identidade secreta. Ele respondeu, sem sorrir, que não andava às voltas com nenhuma atividade secreta, apenas trabalhava muito. Concluí que meu marido não gostava de brincadeiras. Que a alma dele morava em outro lugar, ou que a minha se enganara de endereço.

Conrado era mesmo um advogado de firmas estrangeiras, e não o agente secreto que eu imaginara e que até desejei que fosse, eu teria tido uma vida bem mais interessante a seu lado... Ele era um homem totalmente previsível: saía para o escritório todos os dias na mesma hora e, no começo da noite, voltava para casa na mesma hora. Todos os dias era assim. Em um raro dia que chegou atrasado ao escritório, comentou que achava que iriam lhe cortar o ponto. Eu ri e ele continuou sério. Humor não fazia parte do seu repertório. Bela coisa eu arranjava para a mi-

nha vida... Um marido que só pensava nos afazeres que tinha pela frente. E ele sempre tinha algo a fazer. Estabelecia metas e não se afastava do caminho que havia traçado para alcançá-las. Vivia como se cumprisse uma missão. Era o homem mais disciplinado que eu tinha conhecido. Mas também eu não havia conhecido tantos homens assim; não houvera tempo. Apenas meu pai, meus tios e Laurinho, meu vizinho, meu melhor amigo de infância.

Embora tenhamos convivido durante décadas, Conrado permaneceu um desconhecido para mim, apesar dos meus esforços para me aproximar dele. Citei várias características de meu marido, porém faltou mencionar sua discrição, sua reserva e peregrina atenção. Nada lhe passava despercebido. Uma vez sonhei que eu entrara dentro de sua alma. Um tumulto, o que vi lá, o oposto do que ele demonstrava. Mesmo naquela desordem, descobri umas gavetinhas, entre as quais havia uma onde estava escrito: “Sonhos”. Quando a abri apareceu um anjinho, que devia ser o anjo da guarda dele quando menino, pedindo que eu não prosseguisse. Nesse instante, acordei. Não contei o sonho a Conrado, com medo de que ele me achasse infantil. E eu era. Disfarçava o quanto podia, mas ele, sempre observador, percebia.

Acima de tudo, Conrado tinha pavor de que lhe invadissem a privacidade e tomava todas as precauções para que isso não ocorresse. Detestava visitas, quer dizer, não gostava de gente (tampouco de animais), embora fosse extremamente gentil com todos. Disfarçava como poucos. Não queria se privar de si mesmo um momento sequer. Conrado não se largava. Conrado, que amava Conrado, que amava Conrado, que gostava de Vívian, que sou eu. Quando eu o chamava, ele custava a sair de si mesmo. Precisava esperar que ele se desembaraçasse de si próprio, que me visse, para que pudesse me responder. Uma operação complicada. O pior, porém, era seu silêncio quase absoluto.

Ininterrupto, regular, constante. Demorei a perceber que sua fala era feita de informações. E sobretudo de fazer perguntas, todas objetivas. Sempre atento ao que o circundava. Enfim, meu marido me escapava de todas as maneiras; pior do que isso, deixava-me entregue a mim mesma. E eu não era uma boa companhia para mim. Na casa de meus pais, nunca tinham me perdido de vista. Não só mamãe vivia atenta a mim, como também meu pai. Os professores também se preocupavam comigo. Segundo se dizia, eu tinha ideias extravagantes. Talvez temessem que eu também tivesse comportamentos extravagantes.

Enfim, todos esperavam outra de mim. Eu também.

Meu marido, portanto, vivia em outro mundo, ao qual ao mesmo tempo eu pertencia e não pertencia. Estava, e de repente se ausentava. E eu não sabia ficar comigo. De vez em quando, eu ia conversar com meu pai à tarde. Nessa época, já aposentado como advogado, ele passava boa parte do tempo em casa, enquanto mamãe lecionava teoria musical na Escola de Música. Eu e meu pai sempre nos demos bem. Lembro que quando anunciei que Conrado havia me pedido em casamento, papai abriu bem os braços (sempre teve gestos largos) e perguntou: “Não há nada mais que eu possa fazer por você, minha filha?”...

Em uma dessas tardes, contei-lhe o que se passava em casa, ou melhor, o que não se passava.

“Seu marido não fala com você?”

“Não”, respondi.

“Nada?”, ele perguntou.

“Nada.”

“Nem ‘me passa o sal’?”

“Pai...”

Ele continuou:



“Mas que coisa esplêndida! Assim ele te dá a oportunidade de conversar com outras pessoas, de alargar seu horizonte.”

Depois de haver constatado que belo casamento eu havia feito, ele me aconselhou:

“Fique firme, minha filha. Fique firme.”

Naquele instante, não gostei do que meu pai disse. Mas, com o passar do tempo (o redutor das grandes coisas), vi que ele estava certo. Comecei a expandir meus laços afetivos e assim construí amizades, entre elas com Hilda. Pena ela sofrer de uma gagueira incurável. Dificílimo nos estendermos nas conversas. Mas antes de me beneficiar das palavras de meu pai, acusava meu marido de ser frio, seco, distante.

“A diferença é o princípio segundo o qual as relações florescem”, Conrado um dia limitou-se a retrucar.

O que ele queria dizer com essa frase? As poucas coisas que ele dizia sempre me faziam pensar. Porém, mais do que palavras, o que eu desejava era que ele me abraçasse, me fizesse carinho, dissesse que me amava... de preferência, todos os dias. Se possível, várias vezes por dia. Quando fazíamos amor, na verdade não fazíamos amor, Conrado não nascera para o carinho, o abraço, a lentidão dos afetos. Que ideia triste ele devia fazer do amor... Lembro de um dia em que eu estava lendo na poltrona próxima à janela da sala, quando o vi caminhar na minha direção; tive certeza de que ele ia me beijar, mas ele passou por mim e foi à janela consultar o tempo. Fiquei sentada ali, estatelada, arrasada. Depois, ele vestiu uma bermuda e saiu para caminhar.

Fiquei firme, como meu pai queria. Com que sacrifício! Conrado, entretanto, sempre se manteve firme com a maior naturalidade. Nasceu poste, e poste não responde. Uma das vezes em que me queixei a ele, disse o quanto me sentia infeliz e que meus sonhos não tinham se realizado.

“Nós o realizamos”, disse ele, sorrindo em seguida seu sorriso meteórico.

Conrado e suas frases. Provavelmente se referia ao nosso casamento.

Assim era meu marido. À exceção da hora do jantar, quando então ele se transformava. Ao tomar vinho, virava outra pessoa: amável, falante, gentil, embora não a ponto de se tornar amoroso. Quase, digamos. O fato foi que passei a amar as noites e a ansiar por elas, concluindo que o vinho era o que nos mantinha casados. *In vino veritas!*, como diz o ditado.

Eu me sentia cada vez mais só, muito só, e comecei a querer um filho. Na época, não existiam anticoncepcionais, e, embora estivéssemos casados havia muitos anos, eu não engravidava. Inúmeras vezes eu disse a Conrado que desejava ter um filho. Ele abria bem os olhos, fazendo-os crescer ainda mais (tinha olhos grandes), e pousava-os em mim sem dizer nada. Não gostava que eu tocasse no assunto, e, quando eu voltava a falar de como queria um filho, à menor oportunidade ele se afastava, alegando uma tarefa qualquer. Um dia decidi me consultar com um ginecologista. Conrado concordou. A ideia de eu falar sobre isso com outra pessoa deve tê-lo aliviado, acreditando que assim eu o deixaria em paz. Foi o que fiz. Depressa. Alguma coisa me dizia que minha saúde dependia de eu me tornar mãe. E estava certa.

Saí da consulta cheia de esperanças. O médico constatara que, aparentemente, nada havia de errado comigo, mas achou que seria importante eu e meu marido nos submetermos a alguns exames. Ao chegar em casa, esperei ansiosa Conrado voltar do escritório. Não queria tratar do assunto por telefone. Assim que a chave girou na fechadura da porta de entrada, fui ao encontro dele abraçá-lo, beijá-lo, e contar a novidade, embora soubesse que ele não gostava de manifestações efusivas. E eu, ao contrário dele, praticamente só sabia demonstrar minhas poucas satisfações com alarido.

Depois do ritual de lavar as mãos e guardar a pasta, Conrado sentou-se para me ouvir. Logo que mencionei a necessidade de nós dois fazermos exames, ele teve um leve estremecimento de pálpebras, sinal de que não gostara do que acabara de ouvir. Mesmo assim se dispôs a ir ao médico. Quase bati palmas, mas segurei o arroubo. Na semana seguinte, nós dois fizemos os exames e, passados alguns dias, veio o resultado. Nada havia de errado comigo nem com ele também. Por que então eu não engravidava? Qual seria o problema? Cheguei a me lembrar de que existem casais que não conseguem ter filhos juntos, mas conseguem tê-los quando formam outros pares. Seria esse o nosso caso? Cruel. Não comentei nada disso com meu marido. Quando eu eventualmente resvalava nesse assunto, Conrado dizia para deixarmos a natureza agir. Mas que natureza mais lerda...

Minha vida se tornara tediosa. Todos os dias iguais, pontuais. À noite, eu não me cansava de sugerir a Conrado posições diferentes para a nossa relação sexual, e ele, aborrecido, atendia. Eu dormia, acordava, mas continuava a mesma, sem barriga. Vivía para os cuidados com a casa e com meu marido, embora ele dispensasse os que lhe diziam respeito. Fazia questão de se mostrar independente. Até costurar suas próprias roupas, Conrado costurava. Um dia cheguei em casa e o encontrei fazendo a bainha de uma de suas calças. Um espanto.

Os dias se passavam assim, nessa mesmice, quando em um deles um solzinho raiou na minha cabeça, e me ocorreu a ideia de escrever. Não fui uma menina leitora, tal o interesse que eu tinha pelo mundo que me rodeava. Tudo me atraía. Não conseguia entender como alguém podia se isolar da vida para ler. Mas agora eu estava casada, vivia outro momento e, com a vida monótona e solitária que levava, precisava encontrar um interesse exclusivamente meu. Lembrei que minha mãe sempre me dizia que eu devia escrever, mencionando um prêmio de redação que

eu havia ganhado no colégio. Estimulada, comecei a contar a história de uma menina que ia ficando fraca, fraca, até se desmilinguir. Mas eu estava longe de imaginar que escrevia um livro! Ao terminar o que eu achei que podia ser um capítulo, resolvi submetê-lo à apreciação de Conrado. Conhecia seu rigor com textos. Quando terminou a leitura, ele disse: “Mas que bagunça o quarto dessa criança!”.

Me assustei com o comentário, porém em seguida concluí que um quarto de menina não podia mesmo estar arrumado. Estou no rumo certo!, pensei. E fui em frente. Foi assim que publiquei meu primeiro livro. E outros vieram. Quando eu escrevia, não sentia falta de nada, tinha companhia e o tempo passava. Minha vida se sustentava na imaginação. Escrevia noite e dia. Aos poucos, sem me dar conta, fui me tornando uma autora.

Quando Conrado chegava e invariavelmente me encontrava escrevendo, corrigia minha postura, sempre atencioso, preocupado com meu bem-estar. Carinhoso, jamais. E também não perguntava sobre o que eu escrevia. Várias vezes tentei lhe contar, discutir com ele uma história, mas ele me interrompia, dizendo que seria melhor eu não contar, se pretendia escrever sobre aquilo. Quando se fala sobre alguma coisa antes de realizá-la, ele dizia, corre-se o risco de não terminá-la. Assim ele era: um homem exato.

Durante o tempo em que vivi debruçada sobre minhas histórias, descobri que havia engravidado. Finalmente! No dia, desmaiei assim que obtive a confirmação. Ao me recobrar, repetia sem cessar: grávida! Grávida! Como acreditar que aquilo era possível depois de tanta espera?... Eu estava às voltas com a comemoração dos quarenta anos de Conrado e, embora ele quisesse uma reunião com poucas pessoas, mesmo assim eu estava ocupada com os preparativos quando chegou o exame com a notícia da gravidez. Um filho, a joia que me enfeitaria para sem-

pre. E que presente de aniversário para o meu marido... Eu teria o meu esperado bebê!

De um momento para outro, meu mundo se expandiu; eu explodia de alegria. Saí rodopiando pela casa, esfuziante, sob o olhar tenso de Conrado. Mas a seu modo ele também ficou feliz e sorriu mais naquele dia. À noite, sem que eu percebesse, pediu que uma das moças que trabalhavam conosco pusesse uma velinha em cima da torta que ele havia comprado. Na hora da sobremesa, Conrado trançou os dedos das mãos uns nos outros e, batendo nos indicadores como se estivesse me aplaudindo, cantou parabéns para mim. Em voz baixa, como era do seu feitio. Meu marido era um homem bom, eu sabia que ele gostava de mim, por que eu vivia sonhando com o que ele não podia me dar? Com lágrimas escorrendo, eu retribuí: “Parabéns, papai!”. Pela primeira vez notei que ele se emocionara. Disfarcei, para não constrangê-lo.

Depois desse dia, Conrado passou a chegar cedo em casa e a dobrar o número de perguntas que me fazia. A se preocupar ainda mais com o meu bem-estar. Quem sabe quando nosso filho nascesse ele sairia de seu mutismo? Ninguém resiste aos encantos de um bebê... Espalhei a novidade. Telefonei para as pessoas, contando que iria ter o meu sonhado bebê, o meu primeiro filho! O meu querido Ozorinho. Como era bom me sentir feliz... Quantas e quantas vezes sonhara em ter um bebê... Já havíamos escolhido o nome, Carlos Ozório. Carlos era o nome do pai de Conrado, e Ozório o nome do meu pai. Mas essa é outra história. Nossa história mais bonita.

O tempo passou e, quando Ozorinho tinha por volta de dez anos, de um dia para outro nosso mundo sofreu uma reviravolta. Sei que problemas existem, nunca pretendi uma vida sem eles,

mas o que ocorreu, sobretudo levando-se em conta o temperamento de Conrado, sempre esteve fora das minhas cogitações. Temos uma vaga ideia do que pode nos acontecer, assim jamais me passou pela cabeça que, com cinquenta anos, meu marido fosse se encantar com outra mulher. Vez ou outra eu percebia um certo ruflar de asas, mas logo elas sossegavam. Dessa vez, porém, foi diferente, e não houve necessidade de que ninguém viesse me contar porque eu mesma percebi: de uma hora para outra, Conrado tornou-se ainda mais ausente, mesmo nos momentos em que estávamos juntos. Além disso, volta e meia o telefone tocava, eu atendia e uma voz feminina ou dizia que era engano ou desligava sem nada dizer.

Não demorou para eu perceber que era uma combinação entre eles. O sinal para que Conrado entrasse em contato. Meu marido então ia para o computador. Mesmo os homens ditos “dignos” (como meu pai se referia a Conrado) eram capazes de torpezas ou, melhor dizendo, de ardis. “Ardil” é uma boa palavra porque arde, queima, fere. Eu me sentia assim, ferida. Como se tivesse despencado de lugar bem alto; não das nuvens, porque lá nunca estive. Atravessava uma tormenta sem luz própria.

Conrado, fugido de mim, tornou-se desregrado, não exibia mais o prumo de antes. Vivia ansioso para sair de casa. Um dia comprei uma caixa bem bonita e quando cheguei em casa deparei com ele sentado na poltrona com um livro caído no colo, totalmente alheado, como passara a ser seu estado habitual. Pus a caixa na mesa a seu lado, dizendo: “Esta caixa é para você guardar o meu amor e não deixá-lo escapar”. Conrado fixou os olhos nos meus por alguns segundos para em seguida voltar-se para o livro. Parecia um autômato. Quando eu perguntava o que estava acontecendo, respondia sempre o mesmo: “Nada”. Depois se calava, o corpo retesado, fingindo-se de estátua. Insisti várias vezes, mas ele, esfíngico, não pronunciava uma palavra. Ausentava-se ainda mais, escondendo-se no silêncio.

Pela primeira vez, pensei em fazer análise e comecei a me tratar. Estava desnorteada, mas sabia que precisava me conter. Volta e meia ouvia de novo as palavras de meu pai: “Fique firme, minha filha. Fique firme”. Por que eu precisava ficar firme numa relação capenga, instável, que soçobrava? Por que meu pai esperava isso de mim?... Mas se Conrado ainda me interessava, e interessava, eu tinha de ser paciente. Mas por que ter paciência mesmo quando nos maltratam?... Ainda assim continuei firme. Estávamos ambos exaustos, por motivos diversos, quando por fim seu entusiasmo cessou e ele voltou a ser o que era. Eu, porém, me tornara outra. Quando Conrado “voltou” para casa, eu me encontrava a léguas de distância de quem eu fora. O episódio me modificara inteiramente. Durante esse período, Ozorinho captava os nossos silêncios; como jamais havia escutado uma palavra atravessada entre os pais, muito menos uma desavença, de nada desconfiou. Eram dias nos quais escutávamos apenas o trinado do nosso canarinho na área.

Foi difícil me recuperar da perda de meu marido, por tudo que vivemos, por tudo que ele representou, pelas mudanças que se operaram na minha vida através do nosso casamento. Apesar das frustrações, ou talvez por causa delas, sei que me casei com o homem certo. Sou grata a Conrado pela valiosa e dura aprendizagem. Pela solidão que conquistei a seu lado. Fui forçada a dar conta de mim. Claro que a análise me ajudou, no entanto a ausência permanente dele foi fundamental. Será que Conrado tinha ideia do quanto me deixava só? Do quanto me privava? Não creio que tenha sido intencional, mas, ao agir assim, fez com que eu me voltasse a mim mesma e descobrisse do que era capaz. Até então, eu era uma alegria destampada, só o viver me bastava. Sem Conrado minha vida aconteceu, passei a ter exis-

tência, e se eu quisesse que permanecêssemos juntos, precisávamos nos manter separados, o que significava ter interesses próprios. Foi dessa maneira que me transformei em uma mulher adulta e contive um pouco meus impulsos. Um pouco, basta um pinga de alegria e eu extravaso. Muda-se, mas não totalmente. Agora que todo aquele tempo passou, que perdi meus pais e também meu marido, minha vida mais uma vez se transforma. Onde estarão as pessoas mais velhas? Foram-se todas? Deixaram o posto vago para mim?

Quando meu marido morreu, eu me recuperava de uma de minhas quedas. Aliás, apesar de todas as conquistas, minha vida tem sido uma sucessão de quedas. Venho caindo há longos anos. Colecionando hematomas. Penso que foram quatro quedas no total. Não anotei, mas com certeza meu ortopedista tem um dossiê completo delas. Pediu-me inclusive autorização para levar meu caso a congresso. Assim eu iria à Suécia, via fratura. Não sabia o que acontecia comigo, por que eu caía tanto. Talvez fossem restos de juventude no corpo, ímpetos de outrora. Fui uma jovem expansiva, e de gestos largos e inesperados, mas precisava me conter, senão eu não chegaria viva até os momentos finais. O mundo é uma estação de onde todos devemos partir, inexoravelmente. Certa vez, conversando com Hilda sobre meus tombos recorrentes, ocorreu a ela uma hipótese:

“Você não estaria entusiasmada com o seu ortopedista?”, ela sugeriu com a dificuldade de sempre em se expressar.

“Em pleno luto, Hilda? Como você pode cogitar tal coisa?...”

Ela não insistiu. Mas a verdade era que eu não podia descartar essa possibilidade. Depois do meu tempo de análise, passei a viver sob suspeita, atenta a qualquer deslize. Detetive de mim



mesma. Não temos trégua depois de um tratamento desses. Sim, mas eu falava da minha queda recente. (Se eu não ficar atenta, derivo a todo momento. Conrado costumava dizer: “Vá direto ao ponto”.) Pois então: estou saindo de um longo período de exames, consultas e medicações. As recepcionistas do hospital já me conheciam e me cumprimentavam. Logo que me viam, diziam: “Outra vez, dona Vívian?” ... Um dia esqueci de levar o cartão do seguro-saúde, mas mesmo assim fui atendida. Bem, mas eu falava das quedas. De todas, foi a mais simples. Eu caí como uma folha de outono. Adequada à estação e à idade infame que atravesso a duras penas. Ao perceber segundos antes o curso do inevitável, adornei lentamente de encontro ao tapete persa da sala. Mesmo assim, as consequências foram devastadoras: duas vértebras da coluna fraturadas e ainda caí sobre um dos braços operado, resultando disso dores excruciantes. Ainda não havia usado a palavra “excruciante”, embora a conheça, naturalmente.

Entretanto, estive em diversos especialistas, e todos são unânimes em dizer que sou uma mulher hígida. A queda anterior à morte de Conrado se deu no hall de entrada do prédio de uma amiga. Fui surpreendida por um degrau. Piso verde-água e degrau no mesmo tom. Quem teria projetado tal armadilha? Caí de joelhos e assim permaneci, devota. Nem sei quanto tempo precisei aguardar ajuda. O porteiro tinha desaparecido, devia estar na garagem manobrando carros. Resultado: em decorrência da queda, em lugar de espatifar as rótulas ou partir as pernas, o tombo repercutiu na coluna, causando o desmoronamento das três últimas vértebras. Qualquer que seja a queda, fratura-se a coluna? Impressionante. Meu corpo não raciocina como eu. Devem ser as últimas luzes; em breve, breu.

No dia marcado para o exame de ressonância magnética da coluna (atualmente existe isso), foi interessante encontrar alguns amigos na sala de espera. Um deles disse que eu caio porque sou

cuidadosa. Na opinião dele, eu deveria andar com passos confiantes, marchando, como se estivesse avançando contra o exército inimigo no cerco de Stalingrado. Esse amigo é stalinista. Figura rara. Nos encontrávamos eventualmente. Fomos vizinhos quando Conrado e eu compramos nossa primeira casa. Não sei se ainda tem aquela grande fotografia de Stálin na sala, além dos retratos menores de Rosa Luxemburgo. Melhor não perguntar. Estava efusivo, talvez por ainda nos encontrarmos vivos, depois nos despedimos e cada um seguiu para seu tubo. Desnecessário entrar em detalhes de como é desagradável esse procedimento, além da novidade sonora.

Saí do hospital pensando que talvez os velhos tenham se cansado da verticalidade. A verdade é que atualmente não se pode adoecer. Velhice e doença não se coadunam na época atual, condenada a uma juventude perpétua. Vivemos no esplendor da saúde. No apogeu do corpo. Na glória da boa forma. A bem dizer, o corpo não tem paz. Quando ele é jovem, é um desassossego, aquele afã, vive inquieto, ávido, em atropelo. Ao envelhecer, as dores se apressam em se apossar dele. Tenho concluído que as pessoas se tornam bondosas ao envelhecer porque não lhes resta alternativa. Elas temem as dores. Como temem a solidão. Sobre tudo a súbita, como acontecera comigo. Mas eu estava confiante que as cores da Bahia iriam me curar. São Salvador!

Preparativos para embarcar; mala praticamente pronta. Nella eu levava também meu notebook, presente de meu filho. Assim poderia continuar escrevendo o livro que havia me comprometido a entregar à editora antes do término do ano, ainda que o objetivo da viagem fosse outro; me despedir de Conrado. Eu não sabia como iria reagir. Chegaria sã e salva à cidade de São Salvador? Guardo lembranças bonitas da Bahia, de quando lá

estive com Conrado no início do nosso casamento. Sobretudo das cores de Salvador; elas talvez tenham sido as impressões mais fortes que eu trouxe de lá, a sequência de telas da cidade e no ar aquele eterno agogô. Como paulistana, a Bahia me encantou. O Rio também é uma cidade farta em cores, sem contar a beleza esplendorosa da cidade; também sou afeita aos cariocas, calorosos, expansivos, acolhedores, mas o modo vagaroso de viver dos baianos me cativou. Para quem vive em uma cidade frenética, a Bahia é repousante.

Tecia esses comentários para me ocupar. Na verdade estava preocupada com Hilda. Fazia mais de meia hora que eu tentava me comunicar com ela, deixava recados em sua secretária eletrônica, mas nada. Onde ela estaria? Talvez tivesse ido fazer compras. Todos os dias Hilda precisava comprar alguma coisa. É uma doença, eu sei. A vida é uma série infindável de contenções. Alguns conseguem obedecer a elas, outros não. Bem, mas em breve deixaríamos São Paulo. Dos Jardins às praias!

Haveria tempo para as despedidas? Não, não seria necessário avisar a todos, afinal eu me ausentaria apenas duas semanas. O suficiente para alguns passeios e, sobretudo, para atender ao pedido de Conrado. Eu já havia deixado todas as ordens com as duas moças que trabalham aqui em casa. Ozorinho não quer que eu tenha trabalho. Faz tudo para me proporcionar uma vida tranquila, sem sobressaltos. Não quer que eu me aborreça, que tenha preocupações... Como se fosse possível... Tão bem-intencionado e amoroso, ele. Pensei em telefonar para avisá-lo de que estávamos de partida.

“Filho querido, como vai você? Não pode falar agora? Entendo, está muito ocupado, não é? Está bem. Era só para avisar que a Hilda e eu estamos indo para Salvador levar as cinzas de seu pai. Embora ela esteja desaparecida. Sim, já vou desligar, meu filho. Um beijo, meu querido. Ligo. Quando eu chegar,

ligo. Me deseje boa viagem, meu bem. Obrigada. Cuidado com o frio, Ozorinho... Está bem, já ouvi. Fique com Deus.”

Carlos Ozório já tinha voltado a Paris, onde estava morando para escrever sua tese de doutorado. Trabalhava numa grande empresa aqui em São Paulo, quando de repente decidiu largar tudo e continuar seus estudos. Já era graduado em filosofia e havia terminado o mestrado. Esqueci o título da tese que está escrevendo. É tão complicado que esqueci. Não quis perguntar de novo, para ele não se sentir atingido pela ignorância da mãe, que é absoluta nessa área. Tudo que sei é que ele estuda e escreve noite e dia. Ouvi a campainha. Só podia ser a Hilda. Ouvi também uma das moças ir atender à porta.

Pouco depois Hilda subia os degraus. Entrando em meu quarto, arriou a mala e postou as mãos numa mímica. Sempre que pode, evita gaguejar.

“Você foi à igreja?! Esqueceu que vamos para Salvador, a cidade das igrejas?”, eu disse.

Custou a admitir que tinha ido pedir proteção para a nossa viagem. Outra com medo. E eu me fiando nela...

“Vamos, vamos. Pegue a urna, Hilda. Combinamos que você a levaria, lembra? Era meu marido, e eu ainda estou muito abalada, você sabe.”

Me despedi das moças de casa e fomos de táxi para o aeroporto, levando as cinzas de Conrado. Queria ser deixado onde nascera. Na terra de Nosso Senhor do Bonfim.